

# Prefácio

ANTÓNIO CUSTÓDIO GONÇALVES

No âmbito dos trabalhos desenvolvidos pela linha de investigação “Estados, Poderes e Identidades na África subsariana”, integrada na Unidade I & D, financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, publicam-se as Actas do VII Colóquio Internacional “O Racismo, ontem e hoje”, realizado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, nos dias 6-7 de Maio de 2004.

Iniciados em 1998, e promovidos pela Faculdade de Letras e pelo Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, no âmbito da Unidade de I & D da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, os Colóquios Internacionais sobre Estados, Poderes e Identidades na África Subsariana tornaram-se um importante momento de reflexão científica e de diálogo multicultural entre especialistas das diversas ciências sociais e humanas. Realizaram-se já os seguintes Colóquios:

- I - “Identidades, Poderes e Etnicidades na História da África Austral” - 1998
- II - “Identidades, Poderes e Etnicidades na África subsariana: poderes, etnicidades e conflitualidade em Angola e na Guiné-Bissau” - 1999
- III - “Identidades, Poderes e Etnicidades na África Subsariana: Estado, língua e sociedade na África subsariana” - 2000
- IV - “Multiculturalismo, Poderes e Etnicidades na África Subsariana”, integrado nas Comemorações do Porto 2001, Capital Europeia da Cultura - 2001
- V - “Globalização e Contextos Locais na África Subsariana” - 2002
- VI - “O Islão na África Subsariana” - 2003
- VII - “O Racismo, ontem e hoje” - 2004

Este VII Colóquio analisou novas problemáticas e interpretações sobre o Racismo na África Subsariana, nas suas múltiplas perspectivas e nos seus novos desafios. Para minimizar os efeitos culturalmente totalizantes da globalização nos domínios das culturas e sociedades africanas torna-se necessário analisar comparativamente os sistemas normativos dos valores africanos, numa interação construcionista e complementar da tradição e da modernidade e das dinâmicas do multiculturalismo em África.

O conhecimento da nossa cultura passa sempre pelo conhecimento de outras culturas. A experiência da alteridade elabora-se através do encontro de culturas diferentes da nossa e da consequente modificação da visão da nossa cultura e da descoberta, necessariamente lenta, do facto natural e do fenómeno cultural. Assim, formas de vida e de comportamento em sociedade, consideradas espontaneamente como naturais e inatas, são de facto resultado de escolhas culturais. O maior fenómeno natural em todas as sociedades é justamente a sua aptidão à variação cultural, a sua capacidade de diferenciação, de elaboração de costumes, de instituições, de modos de conhecimento, de práticas e ritos simbólicos profundamente diferentes.

A descoberta da alteridade permite-nos rejeitar a ideia da pretensa superioridade cultural, da identificação do sujeito a si próprio e das culturas à nossa cultura; permite-nos igualmente romper com algumas abordagens que procedem sempre duma “naturalização” do social, como se os nossos comportamentos estivessem inscritos em nós desde o nascimento e não adquiridos no contacto da cultura em que se nasce, numa atitude reducionista da diferença, aliás, por vezes, de modo igualitário e com as melhores intenções. Tentar pensar cientificamente e aceitar a diversidade de culturas, contra tendências dominantes do expansionismo ocidental nas suas formas económicas e políticas, constitui tarefa permanente das Ciências Sociais e Humanas. Novas perspectivas interdisciplinares implicam, assim, uma autêntica revolução epistemológica, que começa justamente por uma revolução do «olhar», não afastado, como poderia sugerir o título da obra de Claude Lévi-Strauss (*Le regard éloigné*, Paris, Plon, 1983), mas próximo, na medida em que permite a ruptura com a ideia do duplo, do idêntico e da exclusão do outro longínquo e irreduzível a nós. A interpelação crítica dos outros acompanha sempre a fundamentação científica da dúvida e da crítica de nós próprios. Além disso, a cultura nas suas manifestações é sobre determinada, não se apresentando de maneira neutra ou unívoca. Por isso, neste Colóquio insistiu-se na análise da vertente transcultural, cujos conceitos possam ser utilizados na compreensão das diferentes culturas e sociedades.

Estamos directamente confrontados hoje com um movimento de homogeneização e de globalização sem precedentes na história, ou seja com o desenvolvimento de formas de cultura industrial e urbana e de formas de pensamento do racionalismo e do irracionalismo sociais. A questão que se nos coloca constantemente é a de saber como uma sociedade pode chegar ao estágio de desenvolvimento industrial, pós-industrial ou tecnológico sem choques dramáticos e sem riscos de despersonalização e de desestruturação e de racismos. Um dos objectivos deste Colóquio consistiu em reflectir sobre a compreensão dos actores sociais quanto ao desenvolvimento sustentado associado à construção das mutações culturais impostas pelo desenvolvimento rápido de todas as sociedades contemporâneas, pelo processo acelerado de urbanização, pelos movimentos de migrações internas e pelas mutações das relações sociais.

O racismo é uma doença social da modernidade, como refere Alain Touraine, não aceita facilmente a diferença e transforma-a em desigualdade. Três princípios fundamentam o racismo: “naturalização” dum grupo social, representação como inferior; domínio dum herança cultural; apelo a medidas de protecção de discriminação ou segregação.

Nas comunicações deste Colóquio cruzou-se a análise privilegiada de dois racismos, um que “naturaliza” o estrangeiro, o colonizado como inferior, com a consciência de ser por ele ameaçado; o outro, contemporâneo, que critica a pretensa superioridade da cultura ocidental; um racismo da diferença, a rejeição das outras culturas em nome da salvaguarda da pureza e especificidade de cada cultura. Estes dois racismos estão associados a dois princípios de exclusão: a desigualdade biológica e a diferença cultural.

